

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

DANIEL DA NOBREGA MARQUES SANTOS

A DIÁSPORA JUDAICA, A GERAÇÃO DA TERRA E A
IDENTIDADE NACIONAL ISRAELENSE

Rio de Janeiro
2024

DANIEL DA NOBREGA MARQUES SANTOS

A DIÁSPORA JUDAICA, A GERAÇÃO DA TERRA E A
IDENTIDADE NACIONAL ISRAELENSE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
licenciado em Letras Português-Hebraico.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Louise de Almeida Petel

Rio de Janeiro
2024

DANIEL DA NOBREGA MARQUES SANTOS

119212106

A DIÁSPORA JUDAICA, A GERAÇÃO DA TERRA E A
IDENTIDADE NACIONAL ISRAELENSE

Data de avaliação:

Banca examinadora:

Profª. Dra. Karla Louise de Almeida Petel (UFRJ)

NOTA:

Prof. Dr. Léo Ariêh Osorio Carvalho de Oliveira (UFRJ)

NOTA:

MÉDIA:

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Mônica da Nobrega Marques e Marcio dos Santos. Eles sempre priorizam a minha educação e foi graças a isso que cheguei até aqui.

Gostaria de agradecer também a minha avó, Dona Roza Maria dos Santos. Foi graças ao seu apoio financeiro que eu pude ter uma trajetória mais independente, sobretudo nos últimos anos do curso.

Agradeço também à minha melhor amiga, Ana Clara Martins. Ela me apoiou nos momentos de desespero e me deu forças para seguir em frente. Sem os conselhos dela, eu provavelmente teria desistido.

Por fim, agradeço à minha professora e orientadora, Karla Petel, pelo apoio para que eu conseguisse me formar o mais rápido possível; e ao professor Léo Ariêh de Oliveira, que gentilmente aceitou me avaliar.

SUMÁRIO

Introdução

CAPÍTULO I: A Geração da Terra - a literatura produzida pelos primeiros filhos de Israel e contexto histórico de sua produção

- 1.1 - O período histórico da segunda fase da literatura israelense;
- 1.2 - A presença judaica no território histórico da Palestina;
- 1.3. - A importância da literatura no renascimento da língua hebraica;
- 1.4 - O conflito histórico entre árabes e israelenses;
- 1.5 - A relação entre os judeus de Israel e a diáspora judaica.

CAPÍTULO II: Os Sabras e a Diáspora: contos da Geração da Terra e suas discussões sobre a identidade judaica

- 2.1 - Características literárias da Geração da Terra e a ficção no contexto pós-guerra;
- 2.2 - O conto “O Nome”, de Aharon Megued, e as características relevantes sobre Israel e diáspora judaica;
- 2.3 - Elementos relevantes da cultura judaica sobre memória e nomes presentes no conto de Megued;
- 2.4 - As diferenças entre os pensamentos israelense e diaspórico presentes no conto de Megued.

Considerações finais

Referências

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos relevantes sobre a Geração da Terra (1938-1968), a segunda geração da literatura israelense, o que inclui seus atores, o contexto histórico e a relação entre a diáspora e os nativos de Israel, com ênfase no conto “O Nome” (1955) de Aharon Megued.

A Geração da Terra foi a primeira fase literária israelense em que a maioria dos autores, autodenominados “sabras” em referência a um fruto nativo da região da histórica Palestina, tinha a língua hebraica como língua materna. Inicialmente o território esteve sob administração britânica, sendo posteriormente reconhecido como região autônoma e batizada como Estado de Israel. Com isso, essa foi a geração responsável por lidar com a cristalização da cultura judaica de Israel e a construção de uma identidade nacional israelense.

Nos textos produzidos e publicados ao longo desse período histórico, encontram-se especialmente histórias em que se nota o distanciamento da população judaica nativa de Israel da população judaica da diáspora. Havia esforço para criar uma identidade nacional que incluía um idioma próprio, o hebraico moderno, diferente das línguas adotadas pela diáspora e até mesmo das línguas maternas das comunidades asquenazita e sefaradita, o ídiche e o ladino. Surgiram também costumes próprios, estilo de vida nativo, cultura própria, etc.

Essa foi também a geração literária que viveu diversos eventos históricos de extrema importância para a história judaica recente, como o sombrio momento de ascensão do nazismo na Europa, o Holocausto, a Segunda Guerra Mundial (1940-1945), a imigração massiva de judeus para o território israelense e os conflitos entre árabes e israelenses que culminou na Guerra da Independência (1948).

No que diz respeito à literatura, as histórias tinham características do realismo e do naturalismo, com influências da produção literária do leste-europeu, sempre focadas em narrativas inspiradas por eventos reais vividos pelos autores das obras da época.

Para abordar as características literárias e comentar aspectos históricos e políticos relevantes, neste trabalho é analisado o conto “O Nome” (1955) de Aharon Megued. O conto se passa após a fundação do Estado de Israel e discute as diferenças entre o pensamento, comportamento, valores etc., dos judeus-israelenses e da diáspora judaica.

CAPÍTULO I:

A GERAÇÃO DA TERRA - A LITERATURA PRODUZIDA PELOS PRIMEIROS FILHOS DE ISRAEL E O CONTEXTO HISTÓRICO DE SUA PRODUÇÃO

1.1 - O período histórico da segunda fase da literatura israelense

Haskalá (“iluminação”, em hebraico) é o termo dado ao iluminismo judaico. A partir desse movimento é que surgiram diversas formas de nacionalismo judaico. A mais difundida das vertentes é o sionismo, que tinha muitas ramificações. De tais ramificações, um grupo heterogêneo de judeus da Europa Oriental migrou para o território histórico da Palestina, assumindo um estilo de vida baseado na agricultura e com ideais baseados na no objetivo de reconstrução de uma nação judaica. (OLIVEIRA, 2002, p. 193-197)

Segundo Oliveira (2021), é dentro dessa realidade que surge a primeira fase da literatura israelense, a Geração dos Pioneiros, por volta de 1880 e durando até 1938. Imigrantes judeus da Europa Oriental, os Pioneiros tinham apenas seus ideais e vontade de voltar a produzir literatura hebraica, mesmo que a língua estivesse considerada “morta” até então. Suas inspirações eram a literatura soviética e o Romantismo. Dentre os maiores nomes está o da poeta Rachel. (OLIVEIRA, 2023, p. 41-45)

Sucedendo a Geração dos Pioneiros, a segunda fase da literatura israelense ficou conhecida como a Geração da Terra, por vezes também referenciada como a Geração dos Nascidos em Israel ou a Geração da Guerra da Independência. Comumente, atribui-se ao ano de 1938 o pontapé inicial para a inauguração dessa fase, enquanto que ao ano de 1968 são atribuídas as últimas publicações. (OLIVEIRA, 2012, p. 1)

A Geração dos Sabras foi marcada pelo fato de ter sido formada por judeus que cresceram na histórica região da Palestina, a maioria migrando principalmente dos países do leste europeu, mas que também contou com os primeiros escritores nascidos na região, sendo estes falantes de hebraico como língua materna e nativa. (OLIVEIRA, 2012, p. 1)

Shaked (1998, p. 13) afirma que essa foi uma geração monolíngue, ou seja, o hebraico não dividia espaço com outras línguas, como o ídiche e línguas europeias, por exemplo, que ainda eram influentes na produção literária dos Pioneiros.

Outra característica interessante desse período histórico é o fato de os primeiros filhos de Israel terem sido educados de maneira diferente, o que reforçou uma distinção entre os judeus nativos de Israel e os da diáspora. A educação judaica diaspórica era baseada no

Tanakh (תנ"ך, a bíblia hebraica) e também no Talmude (תלמוד, uma coletânea de livros sagrados para o judaísmo). Por outro lado, os primeiros israelenses não dividiam espaço entre o Tanakh e o Talmude, tendo o Tanakh como único material de sua educação. (SHAKED, 1998, p. 13)

A partir de tais fatos, surgiu uma negação à diáspora judaica e aos valores diaspóricos no que seriam os primórdios da construção de uma identidade nacional israelense, muito enfática na busca pela autonomia do povo judeu em Israel, mesmo antes da fundação do Estado em 1948. (SHAKED, 1998, p. 13)

Esse período foi um dos mais importantes para a história judaica recente, visto que foi nele a primeira fase literária a conquistar o feito de produzir integralmente em hebraico em cerca de 2 mil anos de sua história. Com isso, a Geração da Terra tornou-se muito importante para estudos da língua hebraica até os dias atuais. (OLIVEIRA, 2012, p. 2)

É importante notar que essa foi uma geração que se preocupava muito com a fundação de uma pátria judaica. Em seus contos e romances, os autores demonstraram valorizar o movimento trabalhista. Graças a origem majoritariamente leste-europeia, os valores coletivistas do socialismo da URSS estiveram presentes durante esse período, em que o individual era segundo plano e o coletivo era valorizado a fim de consolidar a identidade israelense. (OLIVEIRA, 2012, p. 1)

É nessa geração que surgem as forças paralelas judaicas, como o grupo de defesa Haganá e a milícia Palmach. A Haganá foi descrita por Shaked (1998) como um “exército clandestino dos pioneiros, criado para defesa”. Já o Palmach era uma milícia da Haganá, mais especificamente a tropa de choque da organização de defesa. Como a Palestina ainda era governada pelos britânicos, os judeus criaram tais organizações para defender-se, visto que não podiam ter uma polícia ou exército formal próprios. O crescente conflito entre os árabes e os judeus se intensifica com as ações do Palmach e após a fundação do Estado de Israel. Tudo isso culmina nos eventos da Guerra da Independência. (SHAKED, 1998, p. 14, 15)

Alguns escritores da Geração da Terra integraram o Palmach e lutaram em defesa de Israel na Guerra. Esses conflitos foram narrados em alguns dos contos, como “Concurso de Natação” (1955) de Binyamin Tamuz, que está entre os autores que integraram o Palmach, e outras obras publicadas durante esse período.

Após a fundação do Estado de Israel, surgiram também as decepções. Nos anos 1950 e 1960 ocorreram as últimas publicações atribuídas à Geração da Terra. Nessas publicações, está refletida a decepção dos jovens israelenses, que entristeceram-se frente à complicada

situação financeira enfrentada pelo país, bem como casos de corrupção, burocracias e conflitos, muito distantes de seus sonhos para a pátria judaica. (SHAKED, 1998, p. 17)

Encurralados entre a crítica, sua formação ideológica e as realidades sociais de sua época, os primeiros autores nativos da literatura israelense se viram presos inexoravelmente a uma década (1938 - 1948), que continuou influenciando sua escrita mesmo após a fundação do Estado e a despeito das radicais mudanças em todas as estruturas da vida nacional que tal fato trouxe consigo. (OLIVEIRA, 2012, p. 5)

Com os valores da vida coletiva abalados, essas últimas publicações diferenciavam-se muito das primeiras, visto que o “judeu novo”, heroico e idealizado, passa a ser substituído por uma figura anti-heroica adaptada a nova realidade. (SHAKED, 1998, p. 17)

1.2 - A presença judaica no território histórico da Palestina

Como a geração de escritores nascidos na histórica região da Palestina, os escritores da segunda fase da literatura israelense ficaram conhecidos como os *Sabras* (סבּרס, em hebraico) Esse termo é uma referência direta ao nome de uma fruta nativa da região, fruto de um cacto, que, como afirma Wakrat (2013, p. 29), é conhecido no Brasil como “figo-da-Índia” e faz referência aos nativos de Israel por ser espinhoso por fora e macio por dentro.

Os Sabras foram educados em uma realidade posterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), vivenciando também os eventos da Segunda Guerra Mundial (1940-1945) e da Guerra da Independência (1948).

Os Sabras receberam educação sionista por parte de seus pais e professores, o que pode ser considerado hoje como os primórdios do que viria a ser a identidade nacional israelense, visto que a defesa da existência de uma pátria judaica surge já a partir da infância dos autores dessa fase da literatura israelense. (OLIVEIRA, 2012, p. 1)

A origem leste-europeia da maior parte dos israelenses dessa geração fez com que fossem levados para Israel muitos elementos marcantes dos ideais socialistas em vários níveis. Isso inclui o estilo de vida agrícola, o pensamento filosófico leninista e também a produção literária da época. Todos esses aspectos ocorreram porque a maior parte dos países do leste da Europa fazia parte da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), tendo, portanto, ideais socialistas como base de suas sociedades. (OLIVEIRA, 2012, p. 1)

Uma das mais marcantes características israelenses que até hoje ainda remontam às raízes socialistas da fundação do Estado de Israel é a criação das comunas agrícolas conhecidas como *kibutzim*. É importante ressaltar que alguns dos escritores desse período histórico nasceram e/ou cresceram em *kibutzim*. Com isso, foram levados muitos aspectos da vida no campo e ideias socialistas de herança soviética para a produção literária da Geração da Terra. (OLIVEIRA, 2012, p. 2)

Com tais aspectos observados, é possível afirmar que os sabras faziam parte de uma camada progressista da comunidade israelense, onde a coletividade era mais valorizada que o individual e havia aspiração de construir uma sociedade justa, coletiva e baseada no trabalho agrícola do *kibutz*, completamente distante da atual realidade consumista, capitalista e de longos governos de direita e extrema-direita vivenciados pela população israelense. (OLIVEIRA, 2012, p. 2)

Como afirma Steinberg (2012) o conto inaugural da segunda fase da Literatura israelense foi “Efraim volta para a Alfafa” (1938) de S. Izhar. Esse conto apresenta um protagonista relutante quanto às obrigações impostas pelo coletivismo promovido pela sociedade sionista nas comunidades judaicas de Israel dessa época.

Em semelhança a seus colegas escritores da época, Izhar defendia o judeu que se distancia dos vícios do mundo moderno e se dedica aos valores trabalhistas, mas o protagonista do conto vive uma guerra interior por desejar abandonar a alfafa quando precisa manter-se lá pelo bem do coletivo. (STEINBERG, 2012, p. 2)

Um dos maiores representantes da geração de escritores da chamada Geração da Guerra da Independência ou Geração da Terra foi Izhar Smilansky, mais conhecido como S. Izhar (1916 - 2006). Ele e os outros integrantes dessa geração acreditavam nos valores coletivos do movimento sionista trabalhista que pregava a luta em defesa do país, o trabalho incansável e em qualquer função, principalmente na agricultura e outros trabalhos mais difíceis, e acreditava que seu destino estava ligado ao de seus companheiros, vistos como a geração da redenção do povo judeu. As obras dos escritores dessa geração têm como papel central a figura do herói que tudo sacrifica em prol de seu povo e seu destino está intimamente ligado ao destino de toda a nação que espera dele lealdade, abnegação e sacrifício. (STEINBERG, 2012, p. 2)

No conto, Efraim eventualmente faz o pedido de transferência da alfafa para o pomar, ousando sugerir estar onde era de sua vontade. Como fica claro já através do título do conto, porém, Efraim acaba voltando para a alfafa, cedendo o que almeja individualmente pelo bem do coletivo. Com isso, o conto inaugural da Geração da Terra demonstra os conflitos ideológicos enfrentados pelos sabras, que por um lado desejavam ter a liberdade para dedicar suas vidas ao que quisessem, mas por outro lado compreendiam a importância de abdicar de suas vontades individuais em prol da construção de uma sociedade baseada nos ideais sionistas.

Esta noite, parecia-lhe estar demasiadamente cansado, muito cansado para debater com eles, e o melhor seria estender-se na cama, no escuro, e pensar sobre muitas coisas, pensar dessa vez a fundo, ou, pelo menos, não pensar nada e tirar um cochilo. (IZHAR, 1938; in: Berezin, 1983, p. 201)

O que se nota, portanto, é que a presença judaica na Palestina durante o período que compreende à Geração da Terra era formada inicialmente pelas comunidades judaicas que

viviam em assentamentos de terra conhecidos como *Yishuvim*. Essas comunidades continuaram crescendo através das *aliyot*, os processos de migração de judeus de diversas partes do mundo para Israel.

Mais tarde, essa foi a geração que viveu a fundação do Estado de Israel no ano de 1948. Nesse momento, a identidade judaica-israelense já estava cristalizada na região graças aos esforços do movimento sionista.

1.3 - A importância da literatura no renascimento da língua hebraica

A língua hebraica foi falada pelo povo judeu por muitos anos. Historicamente, acredita-se que os judeus usaram o hebraico como língua materna até cerca de 580 a.C., passando posteriormente a usar as línguas nativas das regiões em que cada comunidade judaica se estabeleceu. É importante notar, porém, que o hebraico se manteve vivo nas tradições dessa comunidade, especialmente para fins religiosos, como na leitura da Tanakh, nas orações etc. (NASCIMENTO, 2005, p. 1)

Algumas comunidades judaicas desenvolveram também seu próprio idioma, a partir de um paralelo entre a tradição hebraica e a língua nativa da região em que tal comunidade estava baseada. É o caso do idioma ídiche, surgido na região de Ashkenaz na Alemanha medieval, uma espécie de “fusão” entre o alemão falado na época e o hebraico preservado pelo judaísmo. Outra língua notável é o ladino, criado na comunidade judaica ibérica, uma mescla entre a língua espanhola e o hebraico. (NASCIMENTO, 2005, p. 2)

Com o avanço do movimento sionista e a fundação do Estado de Israel em 1948, um impasse surgiu: qual seria a língua nativa da população judaica israelense? Anos antes da fundação do Estado, foi Eliezer Ben-Yehuda o principal responsável para que o hebraico moderno fosse estabelecido como a língua oficial de Israel e não apenas que fosse assimilada uma nova língua, como russo, o alemão, o ídiche ou o ladino, línguas muito faladas pelos judeus de todo o mundo até então. (NASCIMENTO, 2005, p. 2)

Como afirma Nascimento (2005), Yehuda divergia dos interesses sionistas em certo ponto. Os sionistas estavam interessados no retorno do povo judeu para o histórico território da Palestina. A partir de sua ideia de nacionalismo judaico, Yehuda estava mais interessado em restabelecer o uso cotidiano da língua hebraica. Com isso, restabelecendo também a literatura hebraica.

Quando falamos em renascimento de uma língua, queremos dizer não necessariamente sua recuperação de um estado já extinto, o termo pode significar, também, diversas maneiras de impedir seu declínio. No caso do hebraico, que nunca deixou efetivamente de ser usado, apesar de não falado correntemente por um longo tempo, sua ressurreição implica no seu renascimento como língua falada. [...] o uso do hebraico escrito se difundiu gradativamente por todas as comunidades judaicas e que a comunicação em hebraico escrito era corrente em livros, documentos jurídicos e cartas particulares. (NASCIMENTO, 2005, p. 4)

O hebraico sempre foi, portanto, reconhecido pela população judaica. Ao chegar em Israel por volta de 1881, Yehuda passou a usar a língua no dia-a-dia, numa tentativa de ampliar seu uso cotidiano. O grande desafio é que a língua não tinha muito vocabulário para a vida moderna (na perspectiva dos anos 1880). Yehuda então buscou estabelecer uma gramática para o que viria a ser o hebraico moderno, baseada no hebraico bíblico e textos tradicionais do judaísmo, como o Talmude, por exemplo. (NASCIMENTO, 2005, p. 4, 5)

A partir desses pontos, surgiu então a possibilidade de fazer com que a língua hebraica voltasse a ser a língua nativa da população judaica de Israel. Com grande esforço coletivo, os primeiros falantes nativos do hebraico nasceram por volta dos anos 1900, cerca de 1800 anos depois da língua cair em desuso, como aponta Nascimento (2005). Foram parte desses novos falantes nativos de hebraico os escritores que consolidaram a Geração da Terra, como um dos resultados diretos do renascimento da língua. (NASCIMENTO, 2005, p. 6)

O renascimento da Língua Hebraica e sua transformação em língua moderna devem-se aos intelectuais judeus; escritores e filósofos da Diáspora que haviam participado do movimento da Ilustração Judaica iniciado no século XIX na Europa Ocidental. Estes homens contribuíram de forma significativa para dar à língua hebraica o status de língua nacional moderna. A língua sagrada que durante séculos serviu o povo judeu em suas preces e orações, foi laicizada e passou a ser usada como língua 'cultural secular' antes mesmo de se tornar a língua de uso diário do empreendimento sionista. (SZUCHMAN, 2011, p. 2)

Segundo Oliveira (2012, p. 4), no hebraico literário da época da Geração da Terra é possível encontrar elementos do hebraico bíblico, como as repetições e os paralelismos, mas também influências da produção literária em hebraico produzida pelos judeus da Europa, o que pode ser considerado influência do que fora estabelecido pela geração que antecedeu à Geração da Terra, ou seja, os Pioneiros.

Quanto ao idioma utilizado na produção literária, o que se nota é um hebraico bastante rebuscado, muito distante do que era falado no dia-a-dia. O que ocorre, porém, é a presença de escolhas inteligentes na narrativa. Um exemplo está na tentativa de replicar a fala de determinados grupos a partir de expressões típicas desse contexto social, como o uso das gírias de cunho militar utilizadas entre integrantes do Palmach, por exemplo. (OLIVEIRA, 2012, p. 4)

1.4 - O conflito histórico entre árabes e israelenses

É importante notar que a maioria da população do território da Palestina na época anterior à fundação de Israel era árabe, apesar da cada vez maior presença judaica na região, como afirma Szuchman (2011). Segundo Oliveira (2012), os judeus viviam em comunidades específicas onde eram maioria, os chamados *Yishuvim*, como já mencionado. Com isso, existiam, como existem até os dias atuais, muitos conflitos entre os árabes e os judeus-israelenses, principalmente devido às diferenças de cultura e religião, mas também por questões territoriais. (GOMES, 2001, p. 28)

Segundo Oliveira (2023), o território histórico da Palestina era dominado pelo Império Turco-Otomano até por volta do ano de 1923. Durante esse período, o território era quase totalmente abandonado, uma província pobre. Após 1923, porém, a região passou a ser administrada pelo Reino Unido como um protetorado britânico.

Como administradores políticos da região, os britânicos ficaram no meio dos conflitos crescentes entre árabes e judeus-israelenses. O governo britânico tinha o enorme desafio de assegurar os direitos e os interesses de ambos os lados, além de evitar uma escalada dos conflitos, o que poderia culminar em guerra. No meio-termo, surgiram organizações paramilitares e até terroristas como resposta à insatisfação de ambos os lados quanto ao domínio britânico. (GOMES, 2001, p. 29)

Como citado anteriormente, entre as organizações paramilitares estavam a Haganá e o Palmach. Alguns dos escritores da Geração da Terra fizeram parte da Haganá, dividindo seu tempo entre a tradição literária e a vida militar, além da vida agrícola e coletiva comum dos *kibutzim*. Dentre tais escritores estão Binyamin Tamuz e Aharon Megued, por exemplo. (GOMES, 2011, p. 29, 30)

Com a escalada de conflitos, a instabilidade social criada na Palestina, questões financeiras ligadas ao fim da Segunda Guerra e temendo o caos iminente, o governo britânico saiu de vez do país em 1948, após uma longa e complexa trajetória política na região. Nesse mesmo ano, foi então oficialmente fundado o Estado de Israel. (GOMES, 2001, p. 30)

A insatisfação dos países árabes vizinhos com a fundação do Estado fez com que pouco tempo depois se iniciasse uma guerra entre os mesmos e o Estado de Israel. O conflito armado ficou conhecido entre os judeus-israelenses como Guerra da Libertação, mas também pode ser referido como a Guerra da Independência. (GOMES, 2001, p. 30)

Como afirma Gomes (2001), o conflito foi grandioso, envolvendo não apenas os judeus-israelenses e os palestinos árabes, mas também vários outros países do Oriente Médio que aliaram-se à causa palestina, incluindo o Egito, o Iraque, a Jordânia e o Líbano.

A Guerra da Independência terminou com um armistício em 1949. Os países árabes envolvidos não estavam exatamente preparados para uma guerra, visto que alguns deles eram países independentes recentes. Como exemplo então o Líbano (1943) e a Jordânia (1946), ainda se restabelecendo dos conflitos políticos envolvendo o processo de independência. Com isso, os israelenses, fortemente apoiados pelo Ocidente, tiveram vantagem e conseguiram sair da guerra com território maior. (GOMES, 2001, p. 100)

O fim da guerra estava longe de pôr um fim no conflito entre árabes e judeus-israelenses na região. Pelo contrário, as consequências da guerra reverberam pelos anos seguintes. De acordo com Gomes (2001), mais de 700 mil palestinos saíram de Israel na condição de refugiados de guerra até 1949, uma das mais marcantes consequências do conflito. Essas consequências foram vividas pelos autores da Geração da Terra e alguns deles decidiram escrever sobre esses eventos.

Tal contextualização histórica é importante para que se possa entender muito do que se escrevia na época, visto que muitos dos pontos abordados pelos autores da Geração da Terra tratavam da conturbada relação entre os árabes e os judeus na região. Como exemplo disso, é possível citar o autor Binyamin Tamuz e seu conto “Concurso de Natação” (1964). De acordo com The Short Story Project, Tamuz nasceu na região de Kharkov (antes parte União Soviética, atual território da Ucrânia) em 1919 e migrou para o território histórico da Palestina em 1924, com cerca de 5 anos de idade. Ele foi escritor e editor, trabalhando para o jornal israelense *Haaretz Shelanu* (hebraico para “A Nossa Terra”, em que “Terra” é uma referência direta a Israel) Foi também membro do Palmach, lutou na Guerra da Independência e faleceu em Tel Aviv no ano de 1989.

Inicialmente situado no período que antecede a Guerra da Independência, o conto “Concurso de Natação” (1964) narra os conflitos e a convivência entre árabes e judeus. É narrado em primeira pessoa, mostrando três encontros que demonstram a relação do narrador judeu com os árabes que vivem ao seu redor. Vários são elementos típicos da época a serem encontrados no conto, como características do realismo literário, a presença dos ideais do próprio autor, os elementos comuns à realidade de Tamuz, como a carruagem árabe, as paisagens da Palestina e as comidas típicas da região.

Um ponto interessante é a convivência aparentemente pacífica entre árabes e judeus, como numa parte do conto que narra um almoço com um cocheiro e na relação dos judeus

com a anciã palestina. Ao longo do conto, porém, o autor certifica-se de narrar a sensação de tensão presente nestas relações aparentemente amistosas. A partir daí, o conto se divide em três partes, marcadas por encontros entre judeus-israelenses e árabes.

O primeiro encontro é caracterizado pela aparente boa relação entre adultos e os conflitos entre os jovens. Apesar da convivência pacífica, há nítida tensão nas falas sobre conflitos, como quando cita-se o Haganá. É interessante notar que há distanciamento da religião, percebido na fala do narrador, ainda criança. É possível notar nas competições entre o jovem judeu e o homem árabe certa alegoria sobre os conflitos de interesses entre ambos os grupos.

O segundo encontro é predominantemente amistoso, demonstrando o potencial colaborativo entre árabes e judeus. É nesse momento que se observa traços mais marcantes do idealismo realista presente na produção literária da Geração da Terra: o autor transmite o desejo de cooperação e boa convivência, apesar dos conflitos crescentes e da possível guerra que se aproxima.

O terceiro e último encontro demonstra no concurso de natação uma alegoria à Guerra da Independência, em que o autor narra com detalhes os horrores de uma guerra. É interessante notar como ele não demoniza nem coloca como inimigos os árabes. Pelo contrário, ele demonstra interesse em paz e cooperação mesmo no mais crítico dos conflitos vividos entre árabes e judeus-israelenses. A descrição da brutalidade e violência da época faz com que o conto termine de maneira melancólica, expressando um forte sentimento de derrota para ambos os lados: “[...] estava eu, estávamos todos nós, os derrotados.” (TAMUZ, 1964; BEREZIN, 1983, p. 50)

1.5 - A relação entre os judeus de Israel e a diáspora judaica

O cenário com o que se pode ter como uma “nova colonização judaica na Palestina” mudou no ano de 1882, quando as primeiras migrações massivas de judeus para a região, as *aliyot*, se intensificaram. (OLIVEIRA, 2012, p. 2)

Cada fluxo migratório continha um grupo diferente de comunidades judaicas espalhadas pelo mundo, com judeus de nacionalidades e partes diferentes das camadas sociais das quais faziam parte em suas terras natais. Aos poucos, porém, a comunidade judaica da Palestina foi se cristalizando e ganhando forma, construindo o que pode se ter como os primórdios da construção de uma identidade nacional israelense, o que culminou na fundação do Estado de Israel no ano de 1948. Assim, a cultura hebraica da Palestina tornou-se a identidade cultural de Israel. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 12, 13)

É importante notar que o sionismo teve papel crucial para a concretização desses fatos. Pode-se dizer que surgiu ao longo desse período uma ideologia sionista, que já previa a fundação de uma pátria judaica e, com isso, a formação de uma cultura própria para o povo judeu da região. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 13)

Foi a partir disso que, por exemplo, se estabeleceu a língua hebraica como língua nativa para o país, fazendo com que o hebraico fosse renascido como uma língua moderna baseada em sua contraparte bíblica. Esforços coletivos grandiosos foram necessários para que isso fosse possível. Muitos dos judeus imigrantes abandonaram completamente seu estilo de vida em suas terras natais para adotar um novo estilo de vida e contribuir coletivamente para a criação dessa nova identidade israelense. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 14)

Essa ideia de “novo judeu” acabou inevitavelmente fazendo com que surgissem disparidades culturais entre a comunidade judaica da Palestina, ou mesmo propriamente de Israel após 1948, e as comunidades diaspóricas. Como nascidos na Palestina, ou imigrantes dos primeiros anos de vida, os escritores da segunda fase da Literatura israelense, os Sabras, fizeram parte dessa nova identidade desde o início de suas vidas. Isso reflete os primeiros ideais esperados para o “novo judeu”. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 15)

Foi justamente nos anos 60, década em que os escritores da Geração da Terra publicaram vários de seus trabalhos, que surgiu o chamado “iluminismo judaico”, a Haskalá. Esse movimento rejeitava muitas características tradicionais do judaísmo, tecendo especialmente críticas às comunidades judaicas da Europa oriental. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 16, 17)

Nos anos que antecederam à Geração da Terra, por volta do fim do século XIX e início do século XX, a Geração dos Pioneiros, primeira fase da literatura israelense já delimitava as diferenças entre o judeu da Palestina e o chamado “judeu do exílio”, ou seja, o judeu da diáspora. A ideologia sionista fortaleceu ideias negativas aos judeus da diáspora e essas características negativas a eles atribuídas foram estabelecidas em personagens diaspóricos da produção literária dos Pioneiros. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 27)

Nesse mesmo período, foi criado o conceito de “judeu novo”, através de personagens altamente idealizados, descritos como corajosos, ousados, capazes de abandonar seus desejos pessoais em prol do coletivo. Até mesmo a descrição de sua aparência física, forte e bronzeado pelo trabalho braçal e exposto ao sol do Oriente, tecia e reforçava diferenças quanto à diáspora. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 28)

Iniciada então a Geração da Terra em 1938, o “judeu novo”, agora conhecido como *Sabra*, passa a ser o ponto central das histórias. (EVEN-ZOHAR, 1998, p. 29)

CAPÍTULO II:

OS SABRAS E A DIÁSPORA - CONTOS DA GERAÇÃO DA TERRA E SUAS DISCUSSÕES SOBRE A IDENTIDADE JUDAICA

2.1 - Características literárias da Geração da Terra e a ficção no contexto pós-guerra

Segundo Oliveira (2012), havia no fim dos anos 1930 um anseio por histórias de cunho realista pela crítica literária israelense. De tendência marxista, a crítica da época desejava obras que focassem na realidade israelense, narrando desafios sociais enfrentados em Israel naquele período histórico.

A literatura deveria ser uma literatura do aqui e agora, que apreendesse a dinâmica dos processos correntes de institucionalização nacional e de formação do caráter de seu povo e, sobretudo, que educasse o leitor para os corretos modos de reagir e interagir com tal nascente realidade. Nesse sentido, parecia que a nova geração tinha todas as armas e instrumentos para tornar realidade uma nova literatura de uma nova época, de um novo homem e de novos modos de relações sociais. (OLIVEIRA, 2012, p. 3)

Os temas tratados na produção literária da Geração da Terra eram vistos com seriedade e responsabilidade social, pois a literatura era vista como instrumento de educação social e política do povo. Essa também foi a geração que enfrentou os horrores do Holocausto. Apesar disso, porém, os jovens sabras em geral não souberam como expressar as dores do genocídio. (OLIVEIRA, 2012, p. 3)

Pouca poesia foi produzida pela Geração da Terra, tendo sido marcada principalmente por contos e alguns romances. Na já citada tentativa de criar uma identidade nacional quase que completamente separada da diáspora, foi construída a ideia de um “novo homem hebreu”, que era forte, ético e politicamente consciente. Ele não era simplesmente um judeu, mas sim um dos *Sabras*, reforçando seu distanciamento do judeu da diáspora. (OLIVEIRA, 2012, p. 3)

A obra inaugural, “Efraim Volta para Alfafa” (1938) de S. Izehar, é descrita por Berezin (1983) como sendo um marco para o início da geração. Pode ser considerado um

texto de certa forma prototípico, visto que foi transitório entre a Geração dos Pioneiros e a Geração da Terra.

Os enredos da produção literária dessa geração é marcado fortemente por não se afastar muito das situações comuns à época em que os autores viveram. Com isso, encontram-se muitas narrativas sobre os movimentos juvenis, os *kibutzim*, a realidade da Haganá e do Palmach, etc. Tudo isso com descrições muito detalhadas dos cenários em que viveram os autores. Ou seja, as histórias estavam quase sempre situadas em situações reais vividas pelos autores. (OLIVEIRA, 2012, p. 4)

Após 1948, a temática central é a experiência culminante dessa geração, a Guerra de Independência e a decepção ideológica advinda da fundação do Estado de Israel em comparação aos ideais anteriores à fundação da pátria judaica, como é possível notar na narrativa sobre a guerra presente no conto “Concurso de Natação” (1955) de Tamuz.

É importante ressaltar que na atualidade a Geração da Terra é considerada como uma geração que produziu obras literárias de pouco valor artístico. Como afirma Oliveira (2012, p. 4) os israelenses hoje a enxergam como “panfletária”, muito por causa das alegorias e preocupações em representar a realidade sob a ótica dos sabras, além da exposição de suas ideologias.

Os escritores da Geração da Terra estavam restritos ao seu círculo social, não conhecendo profundamente realidades diferentes da sua. Isso se manifesta em sua produção literária na dificuldade em demonstrar conhecimento sobre outros grupos étnicos, até mesmo sobre os judeus sobreviventes do Holocausto que migram para Israel. (SHAKED, 1998, p. 16)

As histórias acabam tendo caráter simplista. Em comparação a movimentos literários estrangeiros, a escrita dessa fase era similar ao realismo ou naturalismo, com fortes influências de técnicas da produção literária do leste-europeu. (SHAKED, 1998, p. 17)

2.2 - O conto “O Nome”, de Aharon Megued, e as características relevantes sobre Israel e a diáspora judaica

De acordo com o Instituto para a Tradução da Literatura Hebraica, o autor Aharon Megued nasceu na cidade de Wroclawek na Polônia no ano de 1920 e migrou para o território histórico da Palestina no ano de 1926, aos seis anos de idade. Ele viveu por muitos anos no *kibutz* Sdot Yam, onde, por muitos anos, trabalhou na área da agricultura.

Megued formou-se em Literatura Hebraica pela Universidade de Haifa, trabalhando como jornalista e editor literário. O autor escreveu para as universidades de Haifa, em Israel, e Oxford, em Londres, Reino Unido, a partir dos anos de 1950. Anos mais tarde, na década de 1980, tornou-se membro da Academia Hebraica de Letras.

O autor ganhou diversos prêmios por seus trabalhos e contribuições para a Literatura israelense, dentre eles o Prêmio Israelense de Literatura no ano de 2003. Ele tornou-se doutor honorário pela Universidade de Bar-Ilan em 2008 e faleceu no ano de 2016.

Como os demais escritores dessa fase da Literatura israelense, Megued tinha fluência na língua Hebraica e toda a sua produção literária foi concebida em Hebraico. Ainda segundo o Instituto para a Tradução da Literatura Hebraica, ao longo de sua carreira como escritor, Megued teve mais de 40 publicações. Dentre tais publicações está o conto “O Nome” (“Yad Vashem”, na transliteração do título original em hebraico), publicado em 1955 e traduzido para o português brasileiro por Rifka Berezin na coletânea de contos *A Geração da Terra* (1983). A coletânea reúne obras produzidas e publicadas no período que se reconhece como a segunda geração da produção literária israelense.

O conto “O Nome” (1955) narra a diferença e o distanciamento entre o judeu da diáspora e a juventude israelense. O pensamento do casal do conto distancia-se completamente do avô, um judeu ucraniano chamado Zisknd, sobrevivente do holocausto. O avô ainda sofre com os traumas que viveu sob os ataques nazistas, citando, inclusive, sua cidade na Ucrânia, que foi quase completamente destruída.

Há muito pesar na fala do personagem sobre como não sobrou praticamente nada nem ninguém de sua cidade, que tinha, segundo ele, cerca de vinte mil judeus. Ao longo do conto, é possível notar até mesmo certo descaso por parte dos personagens mais jovens com a dor do mais velho. Essa é uma das formas que marcam o distanciamento entre os judeus nativos de Israel e os da diáspora, ou seja, quais suas maiores preocupações naquele momento.

No conto, os mais jovens têm forte dificuldade em como lidar com as questões do passado. Isso demonstra o desejo dos jovens em criar uma identidade nacional

completamente separada da diáspora. Eles creem ser parte de algo novo, como os novos filhos de Israel. Já o personagem Ziskind quer a preservação de tudo o que os judeus viveram em seu exílio, longe do Estado.

O conto aborda como os israelenses voltaram a usar nomes bíblicos em suas formas originais em hebraico, bem como passaram a dar aos filhos nomes a partir do hebraico moderno, distantes do ídiche dos *ashkenazim* ou do ladino dos *sefaradim*, por exemplo. Todo o conto gira em torno do desejo do avô em ter um bisneto com o nome de seu neto que desapareceu na invasão nazista. Porém, o nome ídiche Mendele/Mendel causa até mesmo certa repulsa nos jovens sabras.

Outro ponto interessante é como a mãe tenta intermediar a situação propondo um nome em hebraico cuja raiz é a mesma que o nome ídiche, Menachem Mendel, mas os jovens ficam irredutíveis e insistem no nome hebraico que não tenha ligações claras com a diáspora, despertando a ira do avô por seu desprezo às suas raízes. Em certo ponto eles citam até mesmo a preocupação de dar um nome ídiche ao seu filho, o que o aproximaria da diáspora. Isso dá a entender que o pensamento anti-diaspórico era realmente comum entre os jovens israelenses.

Nesse conto especificamente, é possível notar um cuidado por parte do autor com a no tratamento dado à relação entre Israel e a diáspora judaica. O autor se preocupa em humanizar o avô Ziskind e a explicitar a separação total das realidades dos judeus da Terra e da diáspora. Fica clara a crítica à insensibilidade da neta Raia quanto à dor de seu seu avô.

2.3 - Elementos relevantes da cultura judaica sobre memória e nomes presentes no conto de Megued

De acordo com o site oficial do Centro Mundial de Lembrança do Holocausto, a expressão hebraica “Yad Vashem” é utilizada em Israel com o sentido de “memorial”. É essa a expressão atribuída, por exemplo, ao memorial do Holocausto em Jerusalém. O Knesset, o parlamento israelense, aprovou no ano de 1953 um projeto de lei que utiliza a mesma expressão, a Lei Yad Vashem. No mesmo ano então foi estabelecido o museu que mantém vivas as memórias da perseguição sofrida por judeus na Europa durante o nazismo.

Megued escolheu para seu conto o mesmo nome do memorial mundial do Holocausto. Essa escolha reforça a importância da memória para a cultura judaica, fortemente defendida no conto através do personagem Ziskind. Ainda segundo o site do Yad Vashem, a preservação da história é importante para o judaísmo desde os templos bíblicos, como na passagem “Também lhes darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome [...]” (Isaías 56:5). Em hebraico, o termo “nome” é “yad vashem”, ou seja, um memorial.

O Yad Vashem reforça a importância da preservação da história para a cultura judaica não apenas expondo documentos, imagens, ítems, etc. que demonstram o que foi o Holocausto, como exposto em seu site oficial. Ele é também ligado a um centro de pesquisas, apoiando com bolsas de estudos alunos que dediquem-se a pesquisar assuntos relacionados ao Holocausto. Há também uma escola internacional para estudos sobre o Holocausto, onde alunos e educadores cumprem atividades de extensão que visam manter vivas as memórias sobre o Holocausto.

A tradução do título do conto, “O Nome”, reforça também a relação judaica com o nome. Como afirma Wakrat (2013, p. 30), a cultura judaica dá muita importância ao nome, tendo-o como um marcador de identidade, podendo transmitir muitas coisas. Nos tempos bíblicos, o padrão patriarcal era predominante, com um nome cuidadosamente escolhido para a criança e os termos *Ben* ou *Bat* (as palavras para filho ou filha em hebraico) seguido pelo nome do pai. Religiosamente, essa tradição foi mantida por milhares de anos, sendo os nomes usados em orações e outros ritos religiosos.

Com a crescente diáspora da população judaica, o padrão europeu de sobrenomes foi adotado pelos judeus, fazendo com que muitos nomes de origem portuguesa, espanhola, alemã, polonesa, entre outras línguas, passassem a ser associados aos judeus, como Goldstein, Einstein, Cohen, etc., fazendo-se comum entre os judeus também sobrenomes que não necessariamente têm origem judaica. (WAKRAT, 2013, p. 30)

Como nota-se através do conto, tornou-se tradição entre as comunidades judaicas ashkenazim dar aos filhos nomes de familiares falecidos como forma de homenagem. Isso explica o porquê de o avô sentir-se tão ofendido com a recusa de sua neta em batizar o filho em homenagem a seu neto falecido, não sendo apenas o nome em ídiche o problema, mas o conflito geracional entre a neta israelense nativa e o avô ucraniano. (WAKRAT, 2013, p. 32)

A tradição de usar nomes hebraizados inicia-se já nas primeiras *aliyot* (ondas de imigração judaica para a Palestina) e acabam ganhando força após a fundação do Estado de Israel, o que deixa ainda mais claro o desejo de Raia e seu marido em batizar o filho com um nome em hebraico. (WAKRAT, 2013, p. 33)

Outra característica interessante sobre o conto é a sua popularidade e importância para o ensino de cultura hebraica moderna. De acordo com Pelli (1990), o conto de Megued foi traduzido para muitas línguas, incluindo o inglês, o que permitiu sua difusão entre os interessados por cultura judaica. O conto também foi incluído em muitas antologias sobre literatura israelense, como é o caso de “A Geração da Terra” (1983) de Berezin.

Com isso, o conto acabou ganhando importância para os estudos universitários. Muitos professores o escolhem como base para aulas sobre cultura judaica em cursos de Literatura de todo o mundo. Ainda segundo Pelli (1990), o motivo da escolha é o fato de o conto ser uma narrativa simples e representar diretamente um drama psicológico e social típico da população israelense em sua relação com a diáspora judaica. Pelli (1990) nota ainda que o drama narrado é comum a outros grupos étnicos, como a população negra e a própria comunidade árabe, mas no conto Megued é capaz de trazer um “toque judaico”. A partir daí é que se reforça sua importância para os estudos sobre cultura judaica.

2.4 - As diferenças entre os pensamentos israelense e diaspórico no conto de Megued

O conflito geracional é uma questão universal. Todos os grupos de pessoas, independente de etnia ou nacionalidade, enfrentam diferenças baseadas nas distintas experiências vivenciadas por cada geração. O que se nota no conto de Megued, porém, é muito mais intrincado, distanciando-se da clássica ideia de “conflito entre pais e filhos”. Trata-se de um impasse dentro da comunidade judaica de Israel, que não quer esquecer o passado, mas ao mesmo tempo tem como foco construir uma identidade independente da diáspora judaica. (PELLI, 1990, p. 257)

O brilhantismo do conto de Megued está justamente na forma em que o autor é capaz de demonstrar a complexidade da diferença entre os pensamentos israelense e diaspórico em sua narrativa. Ao ler o conto, é quase impossível não compreender e ter empatia com a dor do avô polonês que perdeu seu neto durante o Holocausto e viu toda a sua comunidade ser completamente dizimada durante o conflito. É quase impossível também não entender Raia, uma jovem israelense que quer reforçar sua nacionalidade. Mais que isso, uma jovem Sabra que quer reforçar sua identidade nacional.

Os problemas geracionais, portanto, são muito sérios. Não é simplesmente uma questão de escolha de nomes, mas toda a carga histórica e emocional por trás dessa escolha. Como nota Pelli (1990), Ziskind quer reforçar as memórias do passado não apenas como uma forma de lembrá-lo, mas sim para revivê-lo, ou seja, mantê-lo vivo. A escolha de nomear o neto israelense com o mesmo nome ídiche do neto polonês seria uma forma de manter viva a memória do neto vitimado pelo Holocausto.

Ainda como afirmado por Pelli (1990), a leitura de Raia e Yehuda sobre a situação é completamente diferente. Eles enxergam a realidade em que vivem como um novo começo para a comunidade judaica israelense, completamente desprendido da diáspora judaica. Para eles, Israel é vista como uma nova nação e eles, os Sabras, são como um novo povo construindo uma nova história e uma nova identidade nacional. Para isso, eles veem importância em cortar laços com o passado. Uma das formas de concretizar isso é dando um nome em hebraico para seu filho, visto que essa é a língua nativa de Israel, e, por extensão, sua língua materna. (PELLI, 1990, p.1)

Megued é capaz de representar com maestria a complexidade da situação Israel-diáspora a partir do que se pode inferir pelas questões sociais, ou seja, o que está fora do texto. Pelli (1990) afirma que o avô pode ser enxergado como egoísta na exigência de que o passado seja uma cópia do passado. Dar ao novo neto o nome de outra criança, ainda mais

de uma vítima do Holocausto, pode trazer para essa criança um peso grande demais. Esse ato é sim uma forma de não esquecer o passado, mas é possível que os futuros sentimentos da criança não estejam sendo levados em consideração pelo avô.

Pelli (1990) nota também que a demanda do avô poderia ser não apenas conflitante dentro de sua própria família, mas também dentro da sociedade como um todo. É compreensível o porque ele quer que seu bisneto se chame Mendele, mas é possível que tal nome causasse estranheza por não estar ajustado à nova atmosfera construída pela comunidade judaica de Israel. Encarar a realidade poderia ser difícil para um jovem israelense com nome ídiche em um momento em que a vontade de construir uma identidade nacional era forte. (PELLI, 1990, p. 257)

A recusa do nome ídiche, porém, também parece carregada de um preconceito irracional. Em certos momentos, Raia cita estereótipos comumente atribuídos a judeus da diáspora, como quando fala do “bebê narigudo”, por exemplo. Isso demonstra que a defesa do nome hebraico vai além de simplesmente defender a identidade nacional israelense. O pensamento israelense da época era mesmo delimitar distância da diáspora judaica como um todo.

Outra característica interessante é que a escolha do nome parece ser defendida pelo avô de maneira superficial, pelo menos do ponto de vista judaico mais tradicional. Ziskind não defende a escolha do nome por ligações profundas ao judaísmo, nem exige isso à sua neta. É como uma questão de reviver o passado. Da mesma forma, a escolha de um nome hebraico está totalmente atrelada à vontade de se ater às demandas na nova sociedade israelense, não como forma de “honrar” o judaísmo ou a cultura judaica tradicional em si. (PELLI, 1990, p. 258)

Apenas a partir desse impasse já é possível notar claramente a diferença entre os pensamentos dos nativos e da diáspora judaica. Uma mesma situação, a “simples” escolha do nome de uma criança, já é capaz de causar um grande conflito, evocando diferentes reações em um judeu da diáspora e um nativo de Israel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discorrer sobre os eventos que cercaram a segunda fase da produção literária israelense. O propósito foi analisar aspectos relevantes da literatura, especialmente a relação entre o judeu israelense e a diáspora judaica, e como tais aspectos dialogam com a construção de uma identidade nacional para Israel.

Notou-se que a Geração da Terra foi marcada principalmente pelo fato de ter sido a primeira geração da literatura israelense a escrever num hebraico que era sua língua nativa e materna. Foi nesse período que o hebraico moderno foi criado, a partir de consistentes esforços da população israelense para voltar a usar como língua materna a língua que manteve-se viva por anos pela liturgia judaica e por outros textos de diferentes tipos e gêneros.

Esses fatos culminaram no uso de um hebraico surpreendentemente rebuscado, com características da produção hebraica da Geração dos Pioneiros sendo mantida através. É notável também a presença de elementos do hebraico bíblico na produção literária dessa geração, como a presença de paralelismos, por exemplo.

Essa geração vivenciou muitos momentos que marcaram a história recente da humanidade. Isso inclui a entrada massiva de judeus da diáspora no território histórico da Palestina, a criação de organizações judaicas paramilitares, como a Haganá, os eventos da Segunda Guerra Mundial, a fundação do Estado de Israel e a Guerra da Independência. Todos esses momentos históricos podem ser encontrados nas narrativas da Geração da Terra, em contos de Tamuz, Megued, entre outros.

Foi visto também que a produção literária dessa geração pode ser considerada como panfletária, visto que estava preocupada em satisfazer as necessidades da construção de uma identidade nacional israelense. Com isso, certa parte dos estudiosos de hoje podem enxergar pouco valor literário nas produções da Geração da Terra em relação às outras gerações.

Foi analisada também a importância do nome dentro do judaísmo, e, a partir daí, a diferença entre o pensamento judaico israelense e o pensamento judaico diaspórico. O que nota-se acentuadamente é que a diáspora judaica visava preservar o passado de várias formas, como na memória do Holocausto e o batismo de crianças com nomes em ídiche. Já os israelenses estavam mais interessados em construir uma identidade nacional completamente despreendida da diáspora. Isso incluía valores, ideias, costumes etc., além dos nomes, que eram dados em hebraico, a língua nativa de Israel.

Por fim, todos esses aspectos foram abordados ao longo do trabalho através do conto “O Nome” (1955) de Aharon Megued, a partir da tradução feita por Rifka Berezin na

coletânea *A Geração da Terra* (1983). O conto narra o conflito geracional entre um judeu polonês sobrevivente do Holocausto e jovens israelenses, ressaltando as diferenças do pensamento diaspórico e nativo de Israel. Isso permitiu uma melhor visualização de tudo o que foi tratado.

REFERÊNCIAS:

- BEREZIN, Rifka (org.). **A Geração da Terra**. SP: Summus Editorial, 1983;
- EVEN-ZOHAR, Itamar. **O surgimento de uma cultura hebraica nativa na Palestina**. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. USP, 1998;
- GOMES, Aura Rejane. **A Questão da Palestina e a Fundação de Israel**. Universidade de São Paulo (USP), 2001;
- IZAHAR, S. *Efraim Volta para a Alfafa*. In: **A Geração da Terra**. BEREZIN, Rifka (org.). SP: Summus Editorial, 1938-1983;
- OLIVEIRA, Leopoldo Osório de Carvalho de. **Teorias nacionalistas e nacionalismo(s) judaico(s)**. MG: Revista de Estudos Judaicos, p. 189-199, 2002;
- OLIVEIRA, Leopoldo Osório de Carvalho de. **Ética e estética dos filhos: a literatura da Geração da terra**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, 2012;
- OLIVEIRA, Leopoldo Osório de Carvalho. **INVENTANDO A NAÇÃO: ASPECTOS DO NACIONALISMO LITERÁRIO ROMÂNTICO ISRAELENSE PRÉ-INDEPENDÊNCIA, SUAS ORIGENS E CONTRADIÇÕES**. SP: Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, USP, p. 41-60, 2023;
- NASCIMENTO, Thiago Humberto do. **RENASCIMENTO DO HEBRAICO: A BUSCA PELA IDENTIDADE DE UM POVO**. RJ: UERJ - Soletas, 2005;
- MEGUED, Aharon. *O Nome*. In: **A Geração da Terra**. BEREZIN, Rifka (org.). SP: Summus Editorial, 1955-1983;
- PELLI, Moshe. **“Yad Va-Shem” (The Name) by A. Megged**. The Journal of Aging and Judaism. Orlando: University of Central Florida, 1990, p. 257-258;
- SHAKED, Guershon. **A ficção hebraica após a Guerra da Independência (1948)**. Trad. Rifka Berezin, 1998;
- STEINBERG, Gabriel. **A submissão do indivíduo ao projeto nacional israelense nos contos de Izhhar Smilansky**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, 2012;
- SZUCHMAN, Esther. **O Renascimento da Língua Hebraica e sua Continuidade na Diáspora**. *Vértices*, 2011;
- TAMUZ, Binyamin. *Concurso de Natação*. In: **A Geração da Terra**. BEREZIN, Rifka (org.). SP: Summus Editorial, 1964-1983;

THE Short Story Project. **Benjamin Tamuz**. Disponível em: <
<https://shortstoryproject.com/writers/benjamin-tammuz/>>. Acesso em 30 de novembro de 2023;

THE Institute for the Translation of Hebrew Literature. **Aharon Megged**. 2012. Disponível em: <
ithl.org.il/page_14327>. Acesso em 24 de novembro de 2023;

YAD Vashem. **What Is Yad Vashem**. Disponível em <
<https://www.yadvashem.org/about/yad-vashem.html>>. Acesso em 05 de dezembro de 2023;

WAKRAT, Anath Czeresnia. **Ideologia e gerações em Aharon Megged: estudo sobre a personagem do imigrante judeu e o nativo de Israel no início do estado**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), 2013, p. 30-36.